

Do seu Amolo e combomario

Unico Patronio Pire,

com sua sympathia e calor abraço
pelo seu grande caracter e nobre
sua bravura e Rayza Qualidade
a agradecer col deo

Vll. Fev. 2

aff. de affectuamente

[Handwritten signature]

PORTUGAL e a GUERRA

Handwritten notes and signatures at the top of the page, including a signature that appears to be 'J. G. Soares' and the date '1891/8'.

LUIZ DE MAGALHÃES

- Primeiros Versos** : *poesias* (1878-1880)
- As Navegações** : *poemeto* (1881)
- Odes e Canções** : *poesias* (1880-1883)
- O brasileiro Soares** : *romance* (1885)
- Notas e Impressões** : *critica* (1884-1889)
- D. Sebastião** : *poema* (1898)
- Cantos do Estio e do Outomno** : *poesias* (1908)
- Eduardo VII** : *elogio historico* (1910)
- Portugal e a Guerra** : *ensaios politicos* (1915)

A seguir :

- Campo Santo** : *artigos necrologicos.*
- Ideias Politicas** : *questões de politica nacional.*

Luiz de Magalhães

PORTUGAL E A GUERRA

Luiz de Magalhães



BIBLIOTECA
Livro N.º 184
(e)



PORTO
MAGALHÃES & MONIZ, L.^{da}—Editores
11, Largo dos Loyos, 14
1916

189/83

R.161686

SUMMARIO

Palavras preliminares

- I. A nossa attitude na conflagração europeia
- II. O perigo iberico
- III. As consequencias politicas da guerra

PALAVRAS PRELIMINARES

Na Europa central e occidental, a paz reinava ha quarenta e trez annos — e, em successivos Congressos, as grandes e pequenas potencias procuravam os meios de a consolidar, de a prolongar indefinidamente, de estabelecer para sempre o seu reino sobre a terra.

Os costumes modernos, as necessidades sociaes, os grandes interesses da riqueza mundial, da finança, do commercio, da industria, que, cada vez mais, n'uma larga expansão cosmopolita, se internacionalisam, se penetram, se confundem, approximando, ligando os povos, pareciam tender a affastar, a repellir a guerra para as zonas periphericas da civilisação, para os seus limites extremos, em que ella confina com a barbarie ou com o estado selvagem.

No coração, no amago da civilisação europeia, a guerra affigurava-se já a muitos uma impossibilidade moral, social e economica. E os milhões, gastos nos armamentos colossaes das potencias, não passavam d'uma especie de seguro contra a guerra, que se prevenia e procurava evitar segundo o classico preceito do si vis pacem para bellum.

A diplomacia empregava todos os esforços para dar ao direito publico internacional um fôro e uma sanção, que o tornassem n'um instrumento civilizador tão efficaz como o são todas as outras jurisdicções por meio das quaes a justiça se

effectiva na sociedade. Os plenipotenciarios negociavam tratados d'arbitragem, votavam-n'os os parlamentos, assignavam-n'os os estadistas e os soberanos.

E, de subito, bruscamente, as portas de bronze do templo de Jano Bifronte, ha tanto cerradas, abrem-se de novo! A' mesma hora em que o Presidente da Republica Franceza ia de visita aos povos do Norte, levando, nos topes da sua esquadra, sobre a flamula de guerra, o symbolico ramo da paz — o conflicto austro-servio estala no oriente da Europa, o incendio bellico alastra como um fogo que um raio accende, os tratados rasgam-se, os arsenaes trabalham febrilmente de dia e de noite, as frotas fazem-se ao mar, os corpos d'exercito mobilisam-se e concentram-se, transpoem-se as fronteiras, o canhão ribomba, a fusilaria crepita, e o sangue de todas as raças europeias começa a ensopar um sólo, onde ha perto de meio seculo elle se não vertia.

Quasi toda a Europa, como nas guerras napoleonicas, crusando as armas! Milhões e milhões d'homens entrechocando-se em linhas de batalha colossaes, que são fronteiras de estados, que a atravessam de lez a lez do Baltico ao Mediterraneo, das planicies da Flandres ás serranias balticas! Russos, bulgaros, servios, allemães, austriacos, inglezes, francezes, belgas, italianos, turcos, — slavos, germanicos, anglo-

saxonios, latinos, tartaros, envolvidos n'uma conflagração monstruosa, como jámais se viu em toda a historia e que se repercute, ao longe, na Asia Menor, na China, no sul, no oriente e no occidente d' Africa! Esquadras colossaes, como bandos de velhos monstros marinhos, que emergissem dos abysmos thalassicos, lançando-se, furiosos e implacaveis, uns contra os outros, em todos os mares, no Atlantico, no Mediterraneo, no Indico, no largo e remoto Pacifico! Submarinos invisiveis, realisando o sonho de Verne, e fazendo hecatombes repentinas, no seio dos oceanos, com os seus ataques traiçoeiros! E, pela primeira vez, nos ares, os dreadnoughts aereos dos dirigiveis, os destroyers volantes dos aviões, chocando-se no oceano azul e diaphano do espaço, para n'elle se abysmarem, afundados pela metralha! Lucta na terra e debaixo d' ella, nas trincheiras e nos corredores das minas; lucta nos mares e sob as vagas; lucta na propria immensidão do ar! Um sabbat pandemoniaco de destruição, de morte, de sangue, de gritos, de gemidos, de lagrimas, de horrores, correndo, n'uma bacchanal tragica e sangrenta, por sobre todo um Continente, arrasando cidades, assolando campos, derrubando florestas, destruindo officinas, estilhaçando pontes, aniquilando riqueza, exgotando thesouros, espalhando ruina, miseria e dôr! E, ao fundo, mudo e enigmatico, o

espectro do Destino, reservando a sua sentença entre todo esse conflicto de esperanças anciosas, com que o sonho fascinante da Victoria leva milhões de homens ao matadouro, fumegante de sangue vivo e quente, dos sinistros campos de batalha!

Todo o sonho pacifista parece desfeito — desfeito para sempre! A espada, o symbolo do Heroismo, reluz outra vez ao sol, n'um lampejo de gloria. Os olhos deslumbram-se com esse faiscar, que põe nas almas um fremito de valor e de enthusiasmo.

Oh! a guerra, — o dominador, o imperioso, o perturbante problema humano!... Oh! a extranha, a formidavel Bellona, de hedionda cabelleira de serpentes, irritadas e convulsas, e de face energica e serena como a dos Archanjos guerreiros!

Nada mais contradictorio, mais antithetico, mais bilateral, de mais flagrante opposição na sua duplice natureza!

É n'ella que o homem sobe, moralmente, mais alto, e mais baixo desce e se afunda. É n'ella que elle attinge a grandeza d'um semi-deus e sente despertar em si toda a rudeza, toda a ferocidade dos seus instinctos animaes. É ella a escola de todas as grandes virtudes humanas, a bravura, a

lealdade, a generosidade, o espirito de sacrificio, a abnegação patriótica, e a estimuladora das nossas taras mais deprimentes: a crueldade, a perfidia, a impiedade, a cupidez, o delirio aniquilador. É ella que consagra a gloria cavalheiresca do paladino e excita a brutalidade sanguinaria das hordas barbaras. É ella que, sob os cascos do cavallo d'Atila, que até a propria herva seccavam ao pisa-la, subverte e assola toda uma civilisação; e é ella que, sobre o mar, leva ao longe, ao Oriente e ao Occidente, á velha India mysteriosa e á ignota America, nos pendões de guerra dos portuguezes e dos hespanhoes, as sementes d'uma civilisação nova. É por ella que a tyrannia conquistadora se affirma e o direito offendido se desaffronta. E, nos grandes nomes que epigrapham os cantos da sua epopeia heroica e tragica, se uns só recordam violencia, oppressão e ruinas, outros como as Thermopylas, Salamina, Numancia, Orléans, Aljubarrota, Saragoça e Liège, ha dois dias apenas, ficam eternamente irradiando n'um clarão triumphal de heroicidade, de liberdade e de ardente patriotismo.

Quem olhar a historia, n'um golpe de vista largo, vê, com effeito, a guerra diminuir o seu campo de acção, restringir as suas investidas, confiar repetidamente á transigencia paciente e equitativa da diplomacia ou ao fôro pacifico da arbitragem o que d'antes apenas se decidiria pela sorte das

armas. As pequenas guerras locais acabaram com o feudalismo; as proprias guerras civis são, nos paizes civilisados e representativos, cada vez menos frequentes. Mas os grandes interesses nacionaes, a força de expansão das raças, os seus antagonismos politicos e economicos, originam continuos pleitos, que, infelizmente, ainda por muito tempo se hão de derimir no tribunal sanguinolento dos campos de batalha pela voz trovejante dos canhões, porque o direito internacional, mercê da falta d'um fôro seguro e d'uma sanção efficaz, é, por ora, — com tristeza o reconhecemos! — um direito essencialmente imperfeito e precario.

Ha quarenta annos que a obra da paz representava, sem a menor duvida, um dos mais intensos esforços da politica internacional. Não ha negal-o. Mas as energias naturalistas que a civilisação comprime no fundo moral das raças, as fatalidades historico-sociaes que orientam os destinos das nações — impuzeram mais uma vez a sua força ineluctavel e irresistivel. E, do rescaldo, mal extincto, do incendio dos Balkans, uma faúlha partiu, fazendo-o reaccender-se mais intenso, e envolvendo n'elle quasi toda a Europa.

Curvemo-nos ante o irreparavel dos factos. O que é, é. E, embora se não queira abdicar da esperanza n'um futuro regimen internacional de que a violencia seja, mais ou menos,

banida — consideremos n'alguns dos seus aspectos, e especialmente nos que mais em particular nos interessam, os magnos e memoraveis acontecimentos que se vão desenrolando deante dos nossos olhos.

Os tres pequenos e ligeiros ensaios que este opusculo reune, escriptos sob o mesmo criterio, mas a mezes de intervallo uns dos outros, (para o que chamamos a attenção do leitor, pedindo-lhe que reporte sempre a actualidade dos comentarios ás datas indicadas) não são mais do que o estudo parcial e muito restricto d'algumas questões que se prendem com a nossa situação em face da lucta gigantesca, em que, ha perto de anno e meio, se dilacera quasi toda a Europa.

Não os inspira outro sentimento que não seja uma forte preocupação patriotica e um vivo interesse pelo obsessionante enigma historico e politico, em frente do qual os successos nos collocaram e a cujas consequencias difficilmente nos podemos subtrahir.

Em Portugal, a guerra tem sido um motivo para partidanismos internacionaes, tão ferrenhos como se se tratasse de questões de character exclusivamente nacional. Ha alliadophilos, que, se fôsem francezes ou inglezes, não seriam mais fogaços e apaixonados no seu odio aos Boches. Ha germanophilos

que crêem no dogma da invencível força allemã, mais ainda do que o proprio Kaiser. E, muitas vezes, estas vehementes sympathias baseiam-se em razões verdadeiramente pueris. Não falta quem tema o triumpho germanico como um desastre para a civilisação europeia. E muito bom conservador faz votos por esse triumpho, porque ingenuamente crê que o dos alliados representaria a victoria da... demagogia francezã! Aos republicanos, metteu-se-lhes na cabeça que o successo da França garantiria a consolidação da Republica em Portugal. E monarchicos ha para quem é um artigo de fé que, triumphante a Allemanha, a Monarchia será aqui restaurada no dia seguinte.

Estas convicções simplistas peccam pela sua propria simplicidade. Não se podem formar ideias simples de coisas extremamente complexas. E nada mais intrincado, mais abundante d'aspectos, mais polyedrico (tolere-se-me o termo geometrico) do que este magno problema da guerra.

O meu ponto de vista é, pura e simplesmente, nacional. Tambem me permitto ter as minhas sympathias internacionaes, é claro, — mas as questões de politica externa (abramos, por uma vez, os olhos ante esta realidade) não são questões de sentimento, são questões de interesses. Os povos não se batem uns pelos outros por simples impulsos cavalheirescos, como os Cavalleiros Andantes que corriam o mundo, de lança em

punho, libertando os opprimidos e justicando os oppressores. Dizem-n'o, proclamam-n'o — bem o sei. No fundo, porém, os motivos que os determinam são outros. A politica internacional tambem tem a sua rhetorica, os seus tropos, as suas grandes phrases; mas a sua essencia moral é o velho principio do do ut des.

Não se conclúa d'isto que eu pretenda rebaixar o salutar egoismo nacional até á mesquinhez d'um utilitarismo sordido. Longe de mim tal pensamento. Nos povos, como nos homens, os predicados mo'raes são o seu timbre, o seu brazão, as suas cartas de nobreza. A lealdade, a probidade, o cumprimento da palavra dada, a fidelidade nas amizades, a gratidão pelos beneficios recebidos — são, n'uns e n'outros, inderogaveis preceitos d'honra.

Mas estes nobres principios não são incompativeis com o sentimento do interesse proprio: são processos mo'raes de definir, de fixar esse interesse, de negociar e pactuar sobre elle. Pode ser-se meticulosamente honrado no cumprimento das obrigações contrahidas, sem que isso exclua o ser-se reservado, discreto, cuidadoso e prudente no acto de as contrahir. No commercio, a probidade, a lisura, o respeito dos contractos constituem virtudes essenciaes da profissão: mas o interesse é todo o seu mobil, toda a sua razão de ser.

Repito: — o meu ponto de vista é meramente nacional. O que me importa, sobretudo, n'este momento tremendo da historia do mundo, é a sorte da minha desditosa Patria.

Vejo-a ir, na temerosa procella dos acontecimentos internacionaes, como um navio mal commandado, mal timonado, sem bussola, sem ancoras, levado á tôa na crista dos vagalhões, sobre um mar cheio de recifes e baixios, — sabe Deus em que perigoso rumo, sabe Deus para que insondaveis abysmos! . . .

Salvar-se-á? Perder-se-á? . . . Angustiosa, martyrisante duvida!

Ainda quero crêr na salvação. E os fundamentos d'esta esperança tenaz, e o que eu julgo ser o caminho d'ella, facilmente se entreveem nas modestas, mas sinceras paginas, que, a seguir, ponho sob os olhos do leitor.

I

A nossa attitude na conflagração europeia

Ouvi ha dias attribuir a um dos proceres da Republica, dos mais justamente celebres e authenticamente illustres, este expressivo conceito sobre a nossa situação no pavoroso conflicto, que assola a Europa: «Portugal está como um homem que, tendo-lhe sahido a sorte grande, rasgasse voluntariamente o bilhete premiado.»

É perfeito. E nenhuma outra forma ou simile daria uma ideia mais flagrantemente exacta da nossa actual situação externa.

Com este criterio, que não pode ser suspeito de partidatismo porque é o d'um nosso adversario, examinemos fria e serenamente essa questão de tão transcendental importancia para os nossos destinos.

I

Alliados seculares da Inglaterra, não era uma hypothese imprevisita a de que esta provavel conflagração, ha tantos annos paciente e trabalhosamente addiada pelas transigencias e accomodações da diplomacia, nos pudesse envolver no turbilhão dos seus incertos e tremendos destinos.

Nem em forças terrestres, nem em forças de mar, podíamos, em tal eventualidade, dar á Inglaterra um apoio que valorisasse essa alliança. Mas a nossa situação marítima, as magníficas bases navaes de Lisboa e de Lagos, o dominio do famoso triangulo strategico do Atlantico, em que tanto fallavamos, representavam elementos geographicos de primeira ordem para a acção que, n'essa presumivel guerra, seria naturalmente attribuida ao poder militar da nossa alliada.

Rebentou, porém, o conflicto e uma serie de circumstancias determinou, desde logo, um dispositivo das forças navaes dos paizes em lucta, que afastava do Atlantico o theatro da guerra marítima. Assim, as vantagens da nossa situação geographica sobre esse oceano tornaram-se inuteis para a Inglaterra, cujas esquadras, crusando embora ao longo das costas portuguezas e nas águas dos nossos archipelagos, systematicamente se teem abstido de tocar nos nossos portos. Já esta circumstancia representava um não pequeno favor da sorte. . .

O governo da Republica entendeu, todavia, — e entendeu muito bem — que, n'esta conjunctura, devia declarar á Inglaterra estar Portugal prompto a prestar-lhe todo o auxilio compativel com as suas forças. Era o caso presente um *casus fæderis*? Talvez não fôsse. Mas a interpretação dos termos da alliança n'um mais lato sentido do que o da sua letra expressa — era uma attitude gentil e cavalheiresca, que, comquanto não condissesse com os passados juizos do partido republicano, nos seus tempos de opposição á Monarchia, sobre a alliança anglo-portugueza, estava nas melhores tradições da nossa politica externa.

Logo se disse, porém, e hoje confirma-o um chefe republicano dos mais graduados, que a Inglaterra, embora muito grata ás disposições que o governo e o congresso da Republica manifestavam, preferia, por muitos motivos, que mantivessemos ou, pelo menos, prolongassemos a nossa neutralidade até que circumstancias supervenientes aconselhassem uma attitude diversa. E ahí temos uma nova mercê da sorte bemfazeja!

Afastado, assim, o perigo de ao pé da porta, com um

único cuidado nos podíamos preoccupar — e, para esse, parece que, desde logo, nos chamou a atenção a nossa alliada.

Em Africa, tanto na costa oriental, como na occidental, eramos visinhos da Allemanha. Convinha precavermo-nos alli contra uma possivel aggressão, se o Imperio germanico visse um *casus belli* nas declarações officiaes portuguezas.

A guerra alastrou, porém, da Europa para a Africa, com a aggressão ingleza a leste, com a revolta boer fomentada pelos allemães no sul, e, a oeste, com o ataque anglo-francez aos Camarões e á Togolandia: — e, comtudo, a Allemanha não mostrava a nosso respeito as mais leves intenções bellicosas. Numerosos vapores seus ficaram refugiados nos nossos portos logo aos primeiros dias da guerra; as relações commerciaes dos dois paizes continuaram tanto quanto o permittiam as circumstancias: o sr. Sidonio Paes não abandonava Berlim; o sr. de Rosen permanecia em Lisboa; e os proprios jornaes allemães procuravam mostrar a nenhuma razão de ser d'um estado de belligerancia entre a Allemanha e Portugal e aproveitavam o ensejo para avivar a lembrança de velhos motivos de resentimento nosso para com a Gran-Bretanha. E, assim, se a nossa alliada não queria envolver-nos na guerra, a sua rival, por obvias razões de interesse, não mostrava tambem d'isso o menor desejo. Terceira e não menos importante manifestação da nossa boa sorte, n'uma conjunctura historica tão grave e critica. . .

Situação unica, na verdade: nem guerra ao pé da porta, que nos trouxesse complicações ou prejuizos serios; nem, de parte da nossa alliada, pedidos de cooperação que nos arrastassem ás suas contingencias; nem, de parte dos adversarios d'esta, a minima demonstração de propositos de hostilidade. A mais espantosa sorte — a verdadeira *sorte grande*, como bem observou a notavel individualidade republicana a que me referi.

II

Desde que todas as circumstancias tão providencialmente nos favoreciam, uma unica coisa sensata havia a fazer: aproveitá-las.

Cumpridos, para com a Inglaterra, os nossos deveres de alliados nas declarações feitas, tudo aconselhava a que nos mantivessemos n'uma attitude de reserva, de neutralidade, senão definitiva, pelo menos expectante, que nos deixaria, em face dos acontecimentos, n'uma situação ao mesmo tempo decorosa e proveitosa. E não é facil, diz o dictado, que honra e proveito caibam n'um mesmo sacco...

Desde o inicio da guerra, dadas as forças que ella ia pôr em jogo, era facil de vêr que o seu desfecho representava um obscuro e complicadissimo problema. E o tempo tem-se encarregado de confirmar a verdade d'este juizo. A esta hora, depois de meio anno d'uma lucta colossal, todas as hypotheses são ainda de acceitar: a da victoria da alliança germanica, a do triumpho da coalisção dos seus inimigos, — e até a do *empate*, se esta guerra de *usura* fôr gastando, igual e proporcionalmente, as forças de todos os combatentes. E' possivel, muito possivel, que a França, a Inglaterra e a Belgica, d'um lado, a Russia, do outro, varram os allemães dos territorios invadidos e os façam acolher ás defezas das suas fronteiras. Mas, nem em Londres, nem em Paris, nem em Petrogrado, ha quem se illuda sobre a resistencia que, n'essas linhas, espera as forças alliadas.

D'esta forma, com uma attitude correcta e serena, mantida d'accordo com a nossa alliada, — nós ficavamos com uma porta aberta sobre qualquer das soluções que a conflagração tivesse. Vencedores os alliados, tirariamos da sua victoria as vantagens da manutenção do nosso *statu quo ante bellum*, em materia colonial, que é, n'este conflicto, o nosso principal interesse, senão o unico. Vencedor o bloco germanico, elle não teria contra nós aggravos a liquidar, antes alguns beneficios a reconhecer-nos, derivados da attitude que assumiramos.

Com isto, em occasião tão difficil para todo o mundo, sob o ponto de vista economico e financeiro, como é a que esta lucta quasi universal determinou, nós não veriamos as nossas finanças e a riqueza do paiz compromettidas para larguissimos annos pelas despezas ruinosas e improductivas a que nos arrastaria a nossa participação na guerra, e cuja importancia a incerta natureza do fim a que seriam applicadas põe fora de toda a possibilidade de calculo. Alguns milhares de contos gastos n'uma occupação efficaz, mas não aggressiva, dos nossos dominios coloniaes, representariam todo o nosso sacrificio pecuniario, já não pequeno decerto, porém inteiramente justificado até este ponto. *A sorte grande* por todos os lados...

Mas, desde que rompeu a guerra, dir-se-ia que um repentino furor bellicoso se apoderou dos nossos politicos. Não se considerou apenas a hypothese, possivel e provavel, de sermos envolvidos n'ella pela força das coisas ou pela vontade dos outros. Decidiu-se logo, voluntariamente, que *tinhamos de ir* para a lucta, sustentando-se, sem grande dispendio de argumentos todavia, a peregrina these de que, *em caso nenhum*, podiamos ser neutraes... porque eramos alliados da Inglaterra! Como se um aliado pudesse impôr ao outro o seu auxilio, quando este o não julgasse preciso ou conveniente!...

Assumiu-se para com a Allemanha uma attitude indiscretamente provocadora, que nada justificava, nem mesmo qualquer influencia exercida sobre nós, n'esse sentido, pela nossa alliada, cujos prudentes e ajuizados conselhos nos recommendavam, ao contrario, moderação e reserva. Votou-se a participação na guerra; deram-se ao governo poderes quasi dictatoriaes para seguir essa politica bellicosa; decretou-se a mobilisação d'uma divisão expedicionaria, nomeando-se os corpos que a deviam constituir, e os officiaes superiores que a deviam comandar; enviou-se uma missão militar a Londres e a Bordeus para regular a forma da nossa cooperação nos campos de batalha da Europa; encommendaram-se, enfim, uniformes, equipamentos, viaturas, camions, solipedes, todos os preparativos d'uma campanha, para que se diria que marchavamos como se

se tratasse de ir defender, nas nossas fronteiras, o solo da patria ameaçado por um invasor.

E assim se rasgou *voluntariamente* o bilhete premiado!

III

Duas razões, qualquer d'ellas imperiosa, nos poderiam lançar na guerra: um pedido d'auxilio da Gran-Bretanha, *perante o qual não havia que hesitar um momento, mesmo que elle excedesse o espirito e a letra dos nossos velhos tratados*, e um grande e bem evidente interesse nacional.

Dar-se-ia a primeira hypothese?

É hoje ponto assente que se não dava, por tudo quanto, n'esta controversia, revelaram, sem contestação, auctoridades insuspeitas. Não nos limitámos a offerecer espontaneamente o nosso auxilio, nos termos das nossas forças. Insistimos pela sua acceitação. Insistimos fortemente, repetidamente.

Porquê? Para quê?

Esta insistencia só se justificaria pela segunda razão acima indicada: — a d'um grande interesse nacional.

Mas qual é elle?

Nenhuma affirmação, nenhuma palavra do governo da Republica o indicou ou formulou ainda.

Seria o da consolidação da alliança ingleza? Mas para quê — se a Inglaterra, além de nada ou muito pouco nos pedir, não se podia sentir demasiado robustecida com o precario reforço d'uma ou duas divisões portuguezas, que, na hecatombe diaria das batalhas da Flandres, seriam *chair à canon* para curtas semanas?

Seria o de quaesquer compensações territoriaes depois do triumpho? Mas onde?... Não recordemos, por simples pudor e para não nos cobrirmos de ridiculo, aquella *blague* da annexação da Galliza. E, nas colonias, o caso não seria talvez mais digno de considerar-se. Ia-nos a Inglaterra devolver Manica ou os territorios do Nyassa, que o tratado de 1891 lhe attribuiu, e restituir-nos ia a Belgica a parte do Congo, que o Congresso

de Berlim erigiu em estado independente? Era para nos alargarmos, á custa da Allemanha, ao norte de Moçambique ou ao sul de Angola? A primeira hypothese seria tão risivel como a da nossa expansão alem-Minho, e da segunda era o caso de se dizer que *le jeu ne valait pas la chandelle* . . .

Umás centenas ou, mesmo, milhares de kilometros quadrados a mais nas nossas provincias d'Africa, não seriam um beneficio que valesse o que, para tal fim, sacrificassemos em vidas e dinheiro. O que temos, é preciso dizel-o abertamente, basta-nos e sobra-nos. Dispuzessemos nós de recursos para o valorisar inteiramente! A nossa area de acção colonial é infinitamente superior á nossa capacidade de exploração, ás nossas energias economicas. E, a termos de gastar umas dezenas de mil contos, melhor seria que, em vez de as empregar em augmentar . . . problematicamente esses dominios, as applicassemos no fomento da nossa riqueza colonial, fazendo por conta propria, em nossa casa, aquillo que, ha pouco mais d'um anno, a Republica entendia poder entregar, sem perigo, á cooperação providencial d'esta mesma Allemanha, de que hoje se mostra tão figadal inimiga.

(Entre parenthesis direi, para que se não tirem conclusões erroneas das palavras acima escriptas, que a opinião, n'ellas exposta, não implica, da minha parte, o applauso a qualquer redução do nosso imperio colonial. Quero que o mantenhamos como está — nem maior, nem menor. E quero tambem que o defendamos, o mais possivel, embora isso torne morosa a sua valorisação, das cooperações de extranhos, reservando-o para os interesses da economia nacional, presentes ou futuros. Em materia colonial, sou, pois, integralista quanto á area das nossas possessões, nacionalista quanto á sua exploração).

As summarias considerações, que atraz se lêem, bastam, me parece, para mostrar a inteira falta de base da politica bellicosa, em que tão imprudentemente e tão desnecessariamente nos mettemos. Os seus motivos talvez se podessem encontrar n'outra origem. Mas não é este o momento de escl-

recer semelhante ponto, que, de resto, não ha de ficar eternamente obscuro.

Outras ponderações, todavia, nos aconselhavam a reserva suggerida, ao que se vê, pela propria Inglaterra e de que ella nos dava, aqui mesmo, o exemplo, procedendo para conosco como se realmente fossemos um paiz neutral, do que é manifesta prova o nenhum uso ostensivo que, dos nossos portos, ella tem feito, como já atrás se observou, para o seu grande cruzeiro de vigilancia no Atlantico.

E uma d'essas ponderações era a de que, embora vencida n'este combate de Titans, a Allemanha não ficaria aniquilada como nacionalidade e continuaria sendo, na Europa de amanhã, um elemento com que havia a contar economica e politicamente.

Ainda que, na peor hypothese, ella tivesse de subscrever, n'um tratado de paz, aos mais duros sacrificios territoriaes, perdendo a Polonia allemã, algumas provincias do Baltico, a Alsacia e a Lorena, os proprios ducados dinamarquezes; embora a Monarchia austro-hungara se desmembrasse e houvesse de renunciar aos dominios slavos, romenios e italianos, — da Germania ainda ficaria o bastante para constituir, no proprio centro da Europa, uma nação viva e forte e uma potencia de primeira ordem.

Raça prolifica, energica, tenaz, disciplinada, d'uma actividade intensa e methodica, cheia de aptidões para a lucta economica e para as artes technologicas, expansiva, emigradora, adaptando-se a todos os meios internacionaes, com um indomavel sentimento nacional, guerreira até á medulla dos ossos e dotada d'um extraordinario poder de reconstituição como se viu, ha apenas um seculo, de 1806 a 1814, — seria utopico pensar que um grande desastre militar lhe cortasse para sempre o fio dos seus destinos historicos.

Para que, pois, suscitar resentimentos inuteis, e antes prejudiciaes, contra um povo com o qual vantajosamente tinhamos, não ha muito ainda, estreitado as nossas relações commerciaes e amanhã, passada a crise que a guerra trouxe com-

sigo, teremos novamente de estar em contacto economico e politico?

A boa diplomacia não queima os navios senão em ultima extremidade. Mesmo para se evitarem situações estranhas e singulares como esta em que nos encontramos em face da Allemanha, não se sabendo ainda ao certo se, apesar dos mortiferos recontros em Africa, estamos ou não em estado de guerra com ella — vista a permanencia nos seus respectivos postos dos representantes dos dois paizes...

IV

Se estas linhas cahirem sob a vista de certos patriotas, já sei que vou ser duramente acoimado de germanophilo e de adversario da velha alliança ingleza.

Ora, justamente, nesta gigantesca refrega de povos e raças, ainda mesmo que se não tivessem dado as sangrentas collisões da fronteira de Angola, eu não seria pela Allemanha; e, no que toca ao nosso systema de relações externas, mantenho-me um decidido e convicto partidario do pacto d'amisade que nos liga á Inglaterra.

Nas minhas proprias sympathias internacionaes, a Gran Bretanha tem o primeiro logar, áparte mesmo os laços que unem os dois paizes. Admiro o seu geñio politico, o seu nobre civismo, o seu sincero culto da liberdade, a sua larga e humana tolerancia, o seu respeito meticoloso pela opinião individual e pelas prerogativas da consciencia religiosa e politica, o incomparavel equilibrio que ella logrou realisar entre a tradiçãõ e o progresso, entre o passado e o futuro, o solido nexo com que, atravez d'uma longa historia, tão bem soube encadear as suas origens e os seus destinos, e essa facil e espontanea ordem publica, que não provém da pressãõ da auctoridade, mas dimana da vontade de cada um e d'uma educaçãõ civica como não ha segunda.

Não posso deixar de reconhecer á Allemanha todo esse conjuncto de qualidades eminentes, que atraz puz em relevo e

que tão esplendidamente se affirmaram n'este meio seculo de historia, em que o seu poder militar e a sua iniciativa economica fizeram sombra ao mundo inteiro. Mas as pretensões excessivas do pan-germanismo, o naturalismo *scientifico* da sua politica externa, o seu rude culto da força, a truculencia quasi barbara dos seus processos de guerra, justificados e theorisados pelos seus chefes militares e até pelos seus intellectuaes — tudo isso fere e affronta os meus sentimentos, as minhas aspirações, as minhas ideias de justiça, de direito, de humanidade e a minha concepção moral da guerra, que seria sómente uma brutalidade repugnante e odiosa, se a não transfigurassem, a par do heroismo, esses sentimentos de cavalheiresca nobreza que, no passado, foram o timbre e a honra do espirito guerreiro e fizeram a gloria immoredoura d'um Nun'Alvares ou d'um Bayard.

De resto, as aproximações internacionaes, não as determinam motivos de sentimento, mas de interesse. E o nosso, n'esta conjunctura, está intimamente consubstanciado com a causa dos alliados.

A sua victoria será, por considerações de politica externa, que as circumstancias especiaes d'esta guerra suscitaram, a victoria do principio das nacionalidades. Não pela generosidade e excellencia d'esse principio, não! . . . Mas, mais praticamente, pela sua opportuna *conveniencia*. Convém elle, realmente, ao slavismo para defender a independencia dos povos Balkanicos, para justificar a annexação da Bosnia e da Herzegovina á Servia e ao Montenegro e para restaurar a unidade polaca n'um regimen autonomico, já promettido pelo Czar. Convém á França para reaver a Alsacia e a Lorena. Convém á Inglaterra para manter a independencia belga e com ella affastar a Allemanha da sua vizinhança maritima. Convém até aos paizes neutros para, no momento das compensações, reclamarem, como a Italia, a plena realisação do seu sonho irridentista ou, como a Romania, a sua expansão para a Transylvania ou ainda (talvez! . . .) como a Dinamarca, a devolução dos ducados perdidos em 1864.

Ora a consagração d'esse principio, como corollario politico da guerra, não só nos garante a segurança juridica da nossa autonomia na Europa, mas tambem nos assegura, como seu accessorio, o reconhecimento do nosso direito á posse incontestada dos dominios coloniaes, que tão cubiçados nos teem sido.

Ao contrario, o triumpho germanico, sobretudo depois da attitude que tomamos com as nossas levianas e inconsideradas arrogancias, podia pôr em risco a nossa independencia na Europa e acarretar a perda do nosso imperio d'além-mar.

Tem-se fallado muito no perigo iberico, a proposito das incertezas do futuro, que a todos cercam n'este angustioso momento. E' esta uma questão em extremo complexa e que não pode ser tratada, em toda a sua largueza, n'uma simples referencia incidental. Esse perigo *pode existir* ou *deixar de existir* conforme as circumstancias. Não é uma *fatalidade* da politica peninsular: é apenas uma *possibilidade*, mais ou menos incerta e vaga. Um dia exporei, com o preciso desenvolvimento, este meu modo de vêr. Por hoje, direi apenas que uma das circumstancias que podiam provocar esse perigo seria a victoria da Allemanha.

A intensa e habil propaganda germanica na Hespanha parece visar, ao mesmo tempo, a evitar pelo menos a sua participação na guerra ao lado dos alliados, seguindo as inclinações francophilas da sua politica externa nos ultimos annos, e a preparar, talvez, um futuro ponto de apoio contra as tentativas do resurgimento internacional dos seus adversarios, se lograsse vencel-os. Ora, em tal caso, o que convinha á Allemanha era ter na Peninsula um aliado forte, em que reacendesse o velho espirito imperialista, e que, bem armado e docil á sua politica, lhe ajudasse a guardar a grande estrada do Atlantico e as portas occidentaes do Mediterraneo.

Ao contrario, com os interesses dos alliados não se coaduna a criação d'um grande estado na Peninsula. Bem cercada de vizinhos poderosos está a França, para querer mais um na sua fronteira do sul! Alem d'isso, ha Marrocos — em que a situação actual dos dois paizes representa, para a Hespanha, a

decepção d'um grande sonho historico e, para a França o inconveniente d'um enclave de influencia alheia. Por seu lado, a Inglaterra tem mais garantida a sua preponderancia na Península (que, bastas vezes, foi para ella o campo de batalha continental em que dirimiu os seus interesses e venceu os seus adversarios) tendo aqui dois estados amigos do que tendo um só. Uma só amizade poderosa pode faltar-lhe. De duas, embora mais fracas, difficil será que ambas se escapem á sua influencia.

Quanto ás colonias, será demasiada ingenuidade pensar que a Allemanha, só porque tivesse ao seu dispor as vastas presas dos dominios dos aliados (e resta saber até que ponto a extensão na sua victoria lhe permitiria exigencias n'este capitulo) esquecesse o nosso imperio ultramarino, sobretudo essa Angola que, com o Congo belga, tem sido a sua maior ambição colonial, e que ella ia já procurando penetrar e conquistar economicamente, e preparando, por esta forma indirecta e pacifica, a sua futura absorpção politica.

V

Se estes raciocinios são, como supponho, justos e fundamentados, a conclusão a tirar é que a nossa situação, em face dos gravissimos acontecimentos que se vão desenrolando pelo mundo, não é brilhante, nem tranquillizadora, mercê da inconsciencia e da inepecia da diplomacia republicana. Considerações de meticuloso e discreto patriotismo impõem-me, comtudo, uma severa reserva na apreciação das responsabilidades dos que a ella nos conduziram, jogando, n'uma partida tremenda, os destinos da patria.

N'esta hora, alguns milhares de portuguezes, embrenhados nos sertões que o Cunene atravessa, fazem com os seus peitos muralha aos restos d'um grande imperio, que foi o primeiro que europeus talharam na Africa Equatorial. Algumas dezenas de soldados, alguns officiaes cahiram já, varados pelas balas allemãs. Outros vão sobre o mar para engrossar essas

fileiras, já rareadas. Onde nos levará este incidente sangrento? Não é fácil prevê-lo. Mas não é sem fortes preocupações que o consideramos. Que, ao menos, a bravura e o espirito de sacrificio dos nossos soldados nos resgatem dos desvairados erros dos politicos!

Em oito seculos de historia, Portugal venceu, ás vezes miraculosamente, algumas crises que pareciam irreparaveis para os seus destinos. Abatimentos profundos, — tão profundos que se diriam já uma lethargia preagonica... — fizeram-n'o supportar, sem reagir, n'uma pusilanime submissão fatalista, tyrannias e aggressões, violencias e revezes. E um dia, bruscamente, como em 1384, como em 1640, como em 1820, levanta-se de subito, n'um mysterioso impeto de energia, n'um renovo de heroismo, e reconquista ou assegura a sua independencia, abate os despostas, repelle os invasores — e retoma o fio da sua vida historica.

N'esta força de resistencia e n'este favor da sorte, que parece soccorrer-nos sempre nas horas mais angustiosas, ponhamos ainda as nossas esperanças, as esperanças invenciveis d'um coração em que a fé patriotica, como a chamma d'uma pyra sagrada, nunca esmorece nem se apaga!

21 de Janeiro de 1915.

II

O perigo Iberico

No estudo anterior enunciei a these de que o perigo iberico não era uma *fatalidade* da politica peninsular, mas apenas uma *possibilidade* mais ou menos incerta e vaga, e que, assim, esse perigo *podia existir* ou *deixar de existir*, conforme as circumstancias da vida historica dos dois povos ibericos.

No gravissimo momento que a nacionalidade portugueza atravessa, julgo um indeclinavel dever de patriotismo expôr e desenvolver esta opinião, que contende com o mais fundamental de todos os nossos problemas politicos: — o da propria independencia da Patria.

I

Se observarmos bem as nossas relações com a Hespanha, nos oitocentos annos que se contam a partir da emancipação do Condado Portucalense, veremos que os momentos em que o perigo iberico se tornou, para nós, uma ameaça alarmante não foram muitos e todos elles serviram para, immediata ou mediatamente, nos darem ensejo a affirmarmos a inabalavel vontade de mantermos intangivel a nossa autonomia e a nossa liberdade.

Ambições e interesses dynasticos (que dominaram tambem o espirito de soberanos portuguezes, como D. Affonso v, D. João II e D. Manuel I) — ambições e interesses dynasticos, digo, mais do que uma necessidade da politica castelhana, determinaram conflictos entre os dois paizes, que, á excepção do de 1580, sessenta annos depois annullado, nos seus effeitos, pelo triumpho da Restauração, se decidiram sempre, nos campos de batalha, a nosso favor. E, d'esses desenlaces do pleito iberico, nunca, n'essa Hespanha que, um momento, foi senhora de meia Europa e, fóra da Europa, de metade dos novos mundos descobertos, ficou contra nós um resentimento que toldasse, nos longos annos de paz em que temos vivido, os sentimentos reciprocos dos dois paizes.

É que nós somos, realmente, uma *nacionalidade* bem caracterisada e distincta, creada pelas suas proprias forças e energias intimas, fóra da influencia hegemonica da Hespanha e fóra dos seus dominios. Todo este Portugal, sobretudo do Mondego ao mar do Al Gharb, foi uma obra nacional, a obra dos grandes reis affonsinos, feita por braços portuguezes e por espadas portuguezas e erguida sobre os destroços do imperio hispanico-islamita, que os soldados de Affonso Henriques e dos seus successores derruíram n'este canto da Peninsula, em longas e gloriosas guerras.

Mais de dois seculos antes da Hespanha, Portugal completou a sua unidade, demarcou a sua definitiva geographia, repelliu o Moiro para as terras d'Africa, onde, tambem antes d'ella, foi hastear, nos muros de Ceuta, o seu pendão victorioso. E, precedendo-a nos mares, começou, primeiro que a nação irmã, a sua Odyssèia, contornando a Africa em demanda do reino mysterioso do Preste Joham.

No estreito trato de terra, que é o nosso dominio, e apesar das tão caracteristicas differenças que separam os povos das nossas provincias, nós temos uma homogeneidade, uma cohesão nacional, que essa monarchia, formada por antigas monarchias unificadas sob a hegemonia castelhana, não teve nunca tão perfeita e tão indestructivel.

A nossa historia, independente da da Hespanha quasi desde a instituição do feudo do Borgonhez, o facto de termos creado uma lingua, uma litteratura e uma epopeia nacionaes — são outras tantas características do nosso espirito autonomico, que, de seculo para seculo, mais se accentúa e radica.

Accresce que, mesmo geographicamente, o dominio portuguez não representa para a Hespanha uma necessidade de completação territorial. Não somos um enclave incommodo, que a torne nossa dependente. Ella tem sobre os mares, que nos são communs, portos excellentes, não inferiores aos nossos. De nenhum lado a obstruimos, lhe impedimos o trafego commercial, lhe cortamos uma sahida imprescindivel, nos interposmos entre ella e um outro estado, com que desejasse um contacto directo.

De tudo isto, resultava, entre os dois paizes, a mais sincera cordealidade de relações, uma visinhança facil e affectuosa, sem incidentes de fronteira, sem desconfianças reciprocas, sem reservas no trato diplomatico.

Já um dia citei na imprensa um facto eloquentemente demonstrativo dos sentimentos da Hespanha para commosco. Em 1906, estando no poder o gabinete João Franco, em que tive a immerecida honra de gerir a pasta dos Negocios Estrangeiros, devia assignar-se a primeira parte do tratado de limites entre Portugal e a Hespanha, a qual comprehendia a linha do Minho ao Caia. Como se convencionasse que a assignatura do protocolo respectivo tivesse logar em Lisboa, o governo hespanhol perguntou-me se podia elle fixar a data para esse acto solemne. Do melhor grado concordei. Pouco tempo depois o representante de Hespanha vinha communicar-me o dia marcado pelo seu governo para essa assignatura, que implicava a mais formal ratificação do reconhecimento da nossa independencia. Pois esse dia, espontaneamente escolhido pelo gabinete de Madrid, — sabe o leitor qual foi? Este, nem mais nem menos: o 1.º de Dezembro, anniversario da Restauração de 1640!

Diz-se, bem sei, que não ha hespanhol a quem não sorria o pensamento da união iberica. Mas até aqui, desde longos

annos, essa ideia tinha todo o vago d'um sonho que nem chegava a constituir uma aspiração definida e geral, uma corrente de opinião susceptível de influir na orientação governativa do paiz. E, nas espheras politicas, não havia em Hespanha um homem d'estado, de qualquer dos seus grandes partidos, que gastasse um momento a examinar essa hypothese como um ponto concreto dos seus problemas externos.

II

Que esta situação se alterou profundamente, que a ideia iberica tem, n'este momento, em Hespanha, uma forte e larga *poussée* — claramente o manifestam certas campanhas da sua imprensa e, por vezes, as declarações, nem sempre isentas de dizeres sibyllinos, de algumas das suas mais altas personalidades politicas.

Sabemos que, a miudo, os órgãos governamentais e os proprios ministros negam os propositos da conquista ou de simples intervenção de parte da Hespanha. Mas claro está que é sempre esta a linguagem dos governos até ao momento em que os seus actos veem desmentir esses propositos... Em politica, como em nenhum outro campo de exercicio do espirito humano, a palavra é o melhor artificio de dissimulação dos nossos pensamentos...

Porém, mais expressivos do que estas palavras protocolares, são os *factos*, que dão a medida exacta das relações entre os dois povos. A denuncia do antigo tratado de commercio e as delongas havidas nas negociações do que se está debatendo entre as duas Chancellarias, a questão da Igreja hespanhola em Lisboa, o caso do indulto do Leandro, são indicadores assás significativos e eloquentes para que seja preciso pôr em relevo o que elles exprimem, senão de má vontade, pelo menos de falta de boa vontade, da Hespanha para conosco ou apenas para com o actual reglmen (').

(') O que, mais recentemente, se tem passado com relação á questão da pesca, parece vir confirmar esta opinião.

Mas, ultimamente, atravez das *declarações tranquillisadoras* dos homens d'estado hespanhoes, insinuam-se, innocentemente, algumas considerações, de tom cordeal, sobre a conveniencia d'um estreitamento de relações economicas entre os dois paizes, onde não será de exagerada desconfiança presentir o reservado pensamento d'um *zollverein* peninsular. Ora as uniões aduaneiras não são mais do que o caminho indirecto das uniões politicas. . . Foi assim que se lançaram as bases á unificação imperial da Allemanha.

O que determinou, portanto, esta alteração nos sentimentos hespanhoes para com Portugal, este *ricorso* de opinião, este renascer d'um velho pensamento politico, que parecia desvanecido, senão morto para sempre? O que trouxe esse despertar de appetites e de ambições pan-ibericas, que hoje bem podem ser uma simples tendencia d'algumas frouxas correntes politicas, mas que, amanhã, se estas se mantiverem e avolumarem, não será de espantar que se tornem, realmente, n'uma aspiração nacional e, portanto, n'um pensamento de governo, muito embora reservado até áquella oportunidade em que as circumstancias e as adequadas eventualidades justifiquem a sua realisação?

Não é preciso um grande esforço inductivo para o determinar. A causa é manifesta, é d'uma d'essas evidencias que se mettem pelos olhos dentro. O que modificou a situação da Hespanha para conosco foi, unica e simplesmente, a revolução de 5 de outubro.

E era impossivel que assim não fosse.

A Republica em Portugal equivalia, para a Monarchia hespanhola, ao fogo em casa do visinho. Bôa ou má, ordeira ou anarchica, ella seria, em qualquer dos casos, uma ameaça permanente á sua segurança. Se se equilibrasse, governando com acerto e com justiça, dentro de normas sensatamente conservadoras, constituiria uma prova da viabilidade do regimen, que, ao mesmo tempo que fornecia um excellente argumento experimental á propaganda republicana em Hespanha, tranquillava, lá, as classes mais avessas ao espirito revolucionario.

Se, ao contrario, assumisse uma forma jacobina, como assumiu, ella tornava-se n'um fóco perigoso de agitação e de conspirações, porque era natural que, para se segurar e consolidar, a Republica portugueza buscasse eliminar o perigo da presumivel hostilidade da Monarchia hespanhola, auxiliando, encobertamente, o movimento republicano no paiz visinho.

O que era, portanto, uma especie de sonho imperialista, mais ou menos inconsistente, reflexo vago e crepuscular d'uma reminiscencia historica, tornou-se, pela força das coisas, provocada por um tremendo erro nosso, n'uma necessidade politica, n'um extremo recurso defensivo das instituições por que a Hespanha se rege.

O perigo iberico, possivel, mas não provavel, na antiga *rerum ordo* peninsular, passou, desde que por culpa nossa a alteramos, a constituir uma positiva e funesta *realidade*, que enche de sombras o horisonte dos nossos destinos.

III

Estas resumidas considerações bastariam, me parece, para deixar demonstrada a minha these, quasi axiomática á força de intuitiva. O iberismo não é, para a Hespanha, uma necessidade, por assim dizer, *organica*. Póde ser apenas uma fórte, uma imperiosa conveniencia accidental, suscitada pelas circumstancias que comsigo trouxe a imprudente e inoportuna revolução portugueza.

Mas, abordado o assumpto, não julgo descabido desenvolver-o, porque se, para Portugal, o iberismo constitue um perigo gravissimo, para a propria Hespanha elle encerra, a meu vêr, a possibilidade de consequencias não menos funestas. Esse acontecimento seria, para toda a Peninsula, a mais calamitosa das fatalidades.

Vejamos porquê...

Abstrahindo das condições da politica externa, que poderiam ser um embaraço á realisação dos seus propositos de intervenção ou de conquista, supponhamos, por mera hypo-

these, que a Hespanha se podia abalançar livremente a essa empresa. Nas nossas actuaes circumstancias, confessemol-o, ella ser-lhe-ia facil, se bem que ingloria. Nós somos um povo desarmado e indefenso, com fronteiras abertas, com um exercito inteiramente desorganizado sob todos os pontos de vista, com uma marinha que não é mais do que uma expressão burocratica, sem fortificações terrestres, nem maritimas, que tal nome mereçam, sem material de guerra, sem nenhuma condição de resistencia efficaz. O *passeio militar*, com que, desde os desastres coloniaes da sua patria, sonha o velho general Weyler, a quem sorriria o *travesti* historico do Duque d'Alba, não era de uma execucao difficil, nem arriscada. A partida estaria ganha de antemão. Decerto, n'esse desastre, salvariamos a honra da bandeira vencida, deixando marcada, com um vivo traço de sangue portuguez, a estrada do invasor, da fronteira a Lisboa. Mas tudo o mais, independencia, liberdade, — não tenhamos illusões — perder-se-ia irremediavelmente. . .

Comtudo, desde esse momento, a historia da Peninsula entraria n'uma phase nova. Nova — mas da maior incerteza de destinos. . . A Hespanha vencia-nos sem grande difficuldade; mas não nos subjugava. A experiencia está feita: refere-a uma gloriosa pagina de historia, que se não oblitera, nem rasga. Para nos manter sob o seu dominio tinha de empregar um esforço militar e politico, tão continuo e intenso, que a absorveria toda, fatigando-a, exgotando-a, e forçando-a a relegar para um segundo plano os assumptos mais graves e essenciaes do seu governo e administração interna.

Por outro lado, o nosso espirito de insubmissa rebeldia seria um perigoso foco estimulador d'outros movimentos de emancipação, que minam chronicamente a unidade politica da Hespanha. N'um paiz tão fundamentalmente regionalista, a *questão portugueza* constituiria mais um problema interno de incalculavel gravidade.

Poderia a supremacia castelhana com uma Catalunha a leste e outra a oeste? Não se estenderiam á Galliza, tão inconforme, mesmo na doçura do seu genio, com aquella suprema-

cia, ao Aragão, tão tradicionalmente orgulhoso dos seus *fueros*, ás agitadas e revolucionarias provincias andaluzas, essas correntes de independencia emanadas dos dois povos, só jugulados e manietados por uma ininterrupta e extenuante compressão centralista ?

É as consequências politicas d'essa situação ? Julga-se, e diz-se geralmente, que, se a Monarchia hespanhola lograsse realisar, pela conquista, a unidade iberica, se consolidaria para largo tempo, porque, para tal fim, todos os hespanhoes se entenderiam e fundiriam politicamente. Talvez... Talvez assim fôsse para a realisação d'esse plano, e nos primeiros tempos da embriaguez da victoria e do orgulho imperialista. Mas seria excessiva ingenuidade suppôr que, depois d'isso, essa união se manteria indefinidamente...

O sonho da Republica Federal iberica havia de avassallar de novo as imaginações doutrinarias e os espiritos radicaes. A Democracia quereria para si o que a Monarchia conquistára. E como essa federação, pelo seu character descentralizador e autonomico, satisfaria, decerto, mais do que a centralisação monarchica, as aspirações de independencia dos estados opprimidos, as correntes republicanas achariam n'estas um excellente terreno para alastrarem e se enraizarem.

Lançar-se-ia, assim, toda a Peninsula n'um rumo radical, cujos resultados são faceis de prever se, ao que foi em Hespanha a Republica, na sua fugacidade episodica, juntarmos o que ella tem sido entre nós, n'estes desgraçados e convulsionados quatro annos e meio da sua existencia. Seria, n'este canto da Europa, uma verdadeira anormalidade politica, um enxerto d'essa anarchia chronica das republicas da America Central, de que, n'este momento, o Mexico, após os annos pacificos e prosperos da dictadura presidencial de Porphyrio Diaz, nos está dando um novo e edificante exemplo.

Pobre Peninsula! Contrariada nas suas tradições, no seu character, na sua mais intima constituição moral, em tudo o que, n'ella, é organico, espontaneo, idiosyncrastico, pelo delirante doutrinarmismo jacobino, pela furia destruidora da dema-

gogia, pelo sectarismo intolerante, pelas rivalidades de raça, pela pulverisação cantonalista do poder, — ella seria, dentro em pouco, na civilisação europeia, um exotismo compromettedor e importuno, e, comprovando o dito affrontoso de que a Africa começa nos Pyreneus, tornar-se-ia n'um Marrocos áquem-Estreito, dominavel, expropriavel e repartível por todos quantos tivessem um interesse ligado á sua privilegiada situação geographica.

Finis Iberiæ ! . . .

IV

Para se evitar á Peninsula este verdadeiro cataclysmo, ha um meio unico: voltar decididamente á formula que, durante tão largos seculos, provou ser aquella que garante melhor o seu bem estar, a sua prosperidade, a sua paz interna: dois paizes independentes regidos por instituições identicas e tradicionaes.

Dentro d'esta formula, todas as approximações com a Hespanha, todas as *ententes* politicas, todas as alianças, são possiveis e sem perigo. A homogeneidade do regimen affasta as naturaes desconfianças entre os dois estados instituidos sobre principios adversos, e o proprio interesse de manter e defender a ideia do direito dynastico imporá ás duas casas reinantes o reciproco respeito da independencia e integridade dos seus respectivos dominios.

Fomos nós que quebramos este velho molde historico da situação reciproca dos dois povos. *Nós, e só nós*, temos, portanto, de o restaurar para o seu bem commum. E só d'esta forma preveniremos e annullaremos o perigo iberico.

Não ha duvida que o iberismo não é apenas uma questão peninsular. E', bem o sabemos, uma grave questão internacional. N'ella se interessaria, se fôsse posta, toda a politica europeia. Porque, para a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Austria, a Italia, a propria Russia, isto é, para as grandes potencias que tão vitaes interesses teem ligados ás vias e escalas

maritimas do Atlantico e do Mediterraneo — não pôde ser indifferente que, n'esta Peninsula, que, geographicamente, domina esses caminhos commercaes e estrategicos, estejam um forte imperio ou duas monarchias, embora desiguaes em força, sobre que possam repartir-se as influencias externas e manter-se, assim, o seu necessario equilibrio.

Mas, justamente, nós atravessamos um momento d'uma indecisão extrema nos destinos internacionaes. Na propria Hespanha, com as vozes que incitam ao iberismo, cruzam-se outras que reclamam abertamente a posse de Tanger e até a devolução de Gibraltar. Que será politicamente, em toda a Europa, o dia seguinte ao do termo da guerra? Quem vencerá? Quem será vencido? Triumfarão aquelles a quem convem uma Peninsula unificada ou aquelles cujos interesses mais se coadunam com uma Peninsula dividida? Em que situação ficarão vencedores e vencidos, depois d'esta lucta exhaustiva que, por igual, os debilita e enfraquece a todos? Obscurissimas interrogações, ás quaes ninguem pôde ainda, em bôa consciencia, responder com segurança.

Por outro lado, a alliança ingleza, que, mesmo com as actuaes instituições, tem sido a plataforma da nossa politica exterior e a salvaguarda da nossa independencia, não a pôde, porém, garantir indefinidamente, se nós, da nossa parte, compromettermos, com os nossos erros, os interesses de uma terceira potencia, cuja situação e futuro não são, hoje, mais indifferentes á Gran-Bretanha do que os nossos. Tudo tem limites. E, perante uma urgente e decisiva necessidade da Hespanha, forçada a defender as suas instituições (que são as mesmas da nação ingleza e com representação consanguinea) dos perigos que, para ella, representa o fóco revolucionario portuguez, pôde muito bem a Inglaterra, mórmente agora que as considerações dynasticas a não enleiam, acabar por ceder, deslocando o seu ponto de apoio peninsular, se este lhe fôr bem garantido por tratados e concessões vantajosas.

Por isso, bom é que, na hora critica que se approxima, nós estejamos cercados do *maximo de garantias* para a defeza

da nossa independencia politica e da nossa integridade territorial. E esse maximo de garantias só nol-o pôde trazer a restauração do antigo *systema peninsular*, que a revolução portugueza alterou, tão nefastamente para os nossos destinos internos e externos.

V

Disse, ha pouco, que, dentro da paridade de instituições nos dois povos independentes da Peninsula, todos os laços politicos, e mesmo economicos, com a Hespanha, seriam sem perigo.

O passado assim o provou em longos seculos de historia.

O iberismo na fórmula de união, de federação, de *zollwe-rein*, — combatel-o-emos vivamente e sem treguas por mais suaves e menos pesados que sejam os seus modos de realisação. O iberismo, porém, na fórmula de alliança defensiva, que não contenda com as nossas relações com a Inglaterra, na fórmula de entendimento internacional, de approximação diplomatica, de accordo economico, que não affecte os interesses da producção nacional, o iberismo, como vehiculo espiritual de interpenetração de cultura, como expressão de fraternidade entre os dois povos da Iberia, — esse merece as nossas mais ardentes e vivas sympathias e todo o nosso enthusiastico applauso.

O *odio a Castella* foi sentimento que nunca existiu na alma portugueza, fóra dos momentaneos conflictos que nos levaram ao campo de batalha. Sentimento de independencia, — esse sim, esse mantivemol-o sempre, intransigente e indomavel, sellando-o com o nosso sangue em Aljubarrota e Montes Claros.

Mas, dentro d'elle, o nosso coração pôde largamente abrir-se á nobre e generosa Hespanha, de quem, na longa peregrinação de oito seculos de historia, temos sido o constante companheiro de jornada, seguindo par a par os mesmos trilhos, comprehendendo simultaneamente os mesmos herculeos traba-

lhos de civilisação, colhendo os mesmos loiros, partilhando as mesmas glórias, soffrendo os mesmos infortunios, passando pelas mesmas crises, n'um parallelismo historico, que, approximando os nossos destinos, os manterá, todavia, separados e distinctos, como o symbolo perfeito da amisade fraterna na autonomia intangivel.

N'estas bases, póde haver uma Iberia, como ha, hoje, uma Scandinavia, formada pela necessidade da defeza commum e inspirada por communs interesses. E os destinos d'essa Iberia, pela sua situação geographica excepcional, pelas riquezas do seu solo a que já Affonso, o Sabio, erguia como que um hymno de admiração e enternecido amor, pelas qualidades intimas das suas populações, sobrias, laboriosas, resistentes, pelo genio das suas raças e pela sua viva intelligencia, que só pede cultura e illustração, pela tradição das suas grandes epopeias nacionaes, as maiores, as mais bellas de que resa a historia moderna, — esses destinos podem, no futuro, ser tão largos e tão gloriosos, que esse futuro pareça, aos hespanhoes e portuguezes seus coevos, um maravilhoso resurgimento do seu esplendido e portentoso passado.

8 de maio de 1915.

III

As consequencias politicas da guerra

Toda a previsão sobre o influxo, que este pavoroso conflicto bellico possa vir a ter na politica europeia, — deve parecer, á primeira vista, prematura e sem fundamento, dada a incerteza que, até esta hora, envolve o seu desenlace, talvez ainda indefinidamente demorado.

Mas, independente do resultado final, e seja qual fôr o lado para onde se incline a inconstante e caprichosa victoria, ha certos aspectos d'este tremendo problema, que parecem offerecer-nos uma base estavel a algumas conjecturas sobre a physionomia politica e social da Europa de amanhã.

Um ponto indubitavel, n'este complexo de indecisas possibilidades, é que, a esta guerra colossal, ha de seguir-se, não o desarmamento com que, ha annos, os pacifistas sonhavam e pelo qual tanto se luctou nos Congressos da Paz, mas sim, nos limites de capacidade dos thesouros exhaustos, uma nova e intensa preparação militar, imposta aos vencedores para consolidarem o seu triumpho, aos vencidos para se pôrem n'um estado efficaz de defeza futura ou, nos mais sensiveis á humilhação e rebeldes ao jugo extranho, para poderem aspirar á desforra e á reconquista da independencia ou da integridade territorial perdidas. Não ha muito ainda que esta previsão foi, sagaz e lucidamente, feita por El-Rei D. Affonso XIII, de Hespanha, n'uma *interview* concedida a um jornalista argentino.

Abyssus abyssum invocat. Só as pequenas guerras, que não affectam as nações nos seus elementos essenciaes de vida, ficam sem replica na historia. As grandes collisões guerreiras succedem-se, encadeiam-se ao longo d'ella, como invenciveis fatalidades do *struggle for life* das raças e das nacionalidades.

Não tenhamos, pois, illusões. Desde que o protocollo da paz se assignar á mesa do Congresso em que ella fôr debatida e ajustada, o primeiro cuidado dos paizes só apparentemente reconciliados, vencedores ou vencidos, será este: armarem-se para a guerra futura.

Outra manifesta realidade é que, n'esta lucha, o espirito nacionalista venceu o espirito internacionalista, a ideia de *patria* submetteu sem esforço, por toda a parte, a politica social, o anti-patriotismo, o anti-militarismo, todas as correntes de opinião que mais oppostas lhe eram. Hervé, d'arma ao hombro nas trincheiras, ao lado dos mais ferrenhos nacionalistas, é o symbolo expressivo d'esse triumpho do sentimento nacional. Das ligações internacionaes do socialismo europeu, nem sequer saíu o mais leve esboço d'essas temidas gréves anti-militares que paralyariam, na primeira hora, todo o movimento dos complicadissimos mechanismos da mobilisação. Nenhum d'esses perigos se realisou. Allemães, austriacos, francezes, inglezes, russos, belgas, — todos marcharam para a frente da batalha na mais absoluta unidade moral.

D'estes dois factos evidentissimos, afigura-se-me legitimo deduzir algumas illações que tentem esclarecer um pouco o torvo horisonte dos nossos destinos.

I

O triumpho dos sentimentos nacionalistas e patrioticos, que, nos vencedores, serão excitados pelo orgulho da victoria e, nos vencidos, pelo odio aos que os subjugaram, terá, como primeira consequencia logica, um recrudescimento d'esse *militarismo*, tão imprecado e condemnado, mas que a dolorosa

lição historica, a que estamos assistindo, mostra ser uma condição inexoravel da força dos povos e a garantia unica da sua independencia.

Repetidamente, os homens publicos inglezes, nas suas afirmações solennes a respeito da guerra, têm dado como um dos seus objectivos, por parte dos alliados, a lucta contra o *militarismo prussiano*. Com uma ironia, que, confessemol-o, não erra o alvo, observava, ha pouco, um jornal allemão, alludindo á formação intensiva dos exercitos de Kitchener e ás correntes manifestadas na opinião ingleza a favor do serviço militar obrigatorio, que seria interessante vêr a Inglaterra levada ao militarismo... para o combater. Se o exercito inglez fôsse o que podia ser, dada a população do Reino Unido, talvez, a estas horas, a sorte da guerra já estivesse decidida na frente occidental. Comprehende-se isto perfeitamente em Inglaterra, e o espirito practico d'esse grande povo, a despeito do seu amor ás tradições, não esquecerá a dura experiencia por que está passando.

Por seu lado, a França abertamente vae reconhecendo que o afrouxamento na preparação militar, a que a arrastou, durante alguns annos, o seu imprevidente radicalismo, é uma das causas que mais entorpece a sua acção, n'esta segunda phase da campanha, apezar da competencia dos seus chefes e da bravura e resistencia dos seus soldados.

Mas uma solida *organisação militar* pressuppõe, antes de tudo, um forte *espirito militar*, sem o que ella será como um corpo sem alma. E o espirito militar, por seu lado, exige um conjuncto de condições nacionaes, uma certa atmospherá politica, fóra da qual elle não poderá desenvolver-se e dominar.

Não se concebe facilmente a conciliação d'esse espirito militar com o radicalismo politico e social, para que tendia ultimamente o Occidente europeu. O absorvente interesse egoista do bem estar das classes, relegando para um segundo plano o interesse supremo da salvação nacional, é a negação terminante dos sentimentos que alimentam esse espirito. Por outro lado, a instabilidade dos principios governamentaes da

democracia socialista tira toda a base, toda a fixidez, aquillo que é a pedra-mestra d'uma solida edificação militar ; a continuidade do espirito organisador e do commando supremo.

Pouco tempo antes de rebentar a guerra, um deputado socialista francez, dos mais notaveis, e que faz hoje parte do governo da Republica, Marcel Sembat, publicou uma brochura, que fez sensação pela audacia da sua these francamente enunciada no titulo : *Faites un Roi, sinon faites la Paix*.

Não podemos ter testemunho mais insuspeito da incompatibilidade do espirito militar com o radicalismo. Marcel Sembat era partidario aberto d'uma approximação com a Allemanha, que permittisse á França seguir, despreoccupada, a via tranquillia d'uma democracia pacifica, egoistamente entregue aos cuidados dos seus interesses sociaes. Para isso, prérgava a abdição expressa do velho sonho *revanchard*, que foi a ára sagrada onde, durante quasi meio seculo, se conservou accesa a chamma do patriotismo francez. E, sobre essa abdição decisiva e formal, defendia mesmo a ideia d'uma alliança com a velha inimiga.

Mas, abertamente tambem, Marcel Sembat proclamava que, se a França não quizesse enveredar por esta via pacifica e de renuncia a toda a tradição militar e a toda a aspiração guerreira, se persistisse em querer intervir pela força nas contendas das nações e em ter, portanto, os instrumentos essenciaes d'essa intervenção, que são um poderoso exercito e uma diplomacia influente — ella teria inevitavelmente de modificar a suas instituições e de acclamar um Rei.

«A guerra moderna — escreve Sembat no prefacio do seu livro — é uma questão de longa preparação, tanto diplomatica como militar, e tal que o periodo de falsa paz, que a precede, não é mais do que uma vigilia d'armas, do que uma Ante-guerra, na phrase de Léon Daudet. Ella exige toda uma politica apropriada. A condição d'esta politica bellicosa, é o Rei. Trata-se, pois, para os republicanos, de saber se a paz é possivel, e se, no estado actual da Europa, a podemos assentar em fundamentos inabalaveis.»

Toda a obra é a demonstração minuciosa d'esta precisa e decisiva these. «O vosso regimen guerreiro — diz elle aos seus contradictores — pode ser um regimen republicano? Não! Não o creio... Não creio que se possa nunca tirar da Republica as qualidades que exige uma politica de guerra...» E, mais adiante, observa com rara franqueza: «Mas ha outra coisa! Julgaes vós que as relações d'um Rei hereditario com os seus generaes sejam as mesmas que as d'um ministro da guerra com os generaes que o viram entrar e o verão sahir do govêrno? Julgaes mesmo que lhes sejam comparaveis as que um Presidente da Republica possa ter com os chefes militares?»

Sobre as relações diplomaticas e as facilidades que a ellas proporciona o principio dynastico, pergunta mesmo se «alguem imagina o czar expandindo-se no seio de Felix Faure ou de Loubet» ou «o Principe herdeiro d'Austria confiando a Pichon e a Poincaré que não esqueceu a antiga grandeza da sua casa» nem «as lembranças de Sadowa e da hegemonia perdida.»

Dos que, ao fundar-se a Republica em 1871, julgaram possivel conciliar-a «com uma vontade guerreira e a ideia da desforra» escreve: «O seu sentimento era tão vehemente que lhes perturbou as ideias. Era querer uma charrúa, que fôsse tambem um canhão.» E, desenvolvendo assim o seu thema, accentua ainda terminantemente: «A Republica militarista, a Republica nacionalista, a Republica guerreira, não é uma doutrina, — é um erro grosseiro.»

Podia citar indefinidamente. Mas as confissões que ahi ficam affiguram-se-me sufficientes, e decisivas, como depoimento. Só accrescentarei uma ultima citação que resume o assumpto: «Se escolheis a guerra e, ao mesmo tempo, não escolheis um Rei, tendes apenas as maiores probabilidades de haverdes escolhido — a derrota.»

II

Esta sincera e franca opinião dispensa-nos de fundamentar mais a nossa. Entretanto, quero observar que nem preciso dar á palavra *Rei* o seu sentido litteral, para mostrar que os proprios radicaes francezes julgam incompativel o seu radicalismo com o espirito militar e a politica nacionalista. Basta-me considerar a formula de Sembat como a expressão symbolica do espirito conservador para n'ella assentar o meu juizo de que, vencida ou triumphante, a propria Republica Franceza tem, na Europa de amanhã, de rumar n'um sentido bem diverso d'aquelle para onde, nos ultimos tempos, a impellia o radicalismo, — se quizer segurar o regimen e evitar, quanto possivel, á França, novas provações ou desastres.

Essa corrente, de resto, já se desenhava, e bem visivelmente, na reacção que se ia pronunciando, dentro de certos grupos republicanos, contra as tendencias d'um pacifismo á *outrance* para onde se inclinavam as esquerdas socialistas e revolucionarias. Toda a campanha da *lei dos tres annos* foi, na politica radical da França, um contra-vapor, que não concorreu pouco para a salvar d'uma temerosa e fulminante catastrophe. A guerra veio justificar a politica d'esses grupos, cujo espirito de moderação lançou as bases a uma acção relativamente conservadora dentro das proprias instituições republicanas.

Deve ainda considerar-se que a victoria da França, se ella se der, não representará, de modo algum, o triumpho politico do radicalismo, mas sim o d'essa tendencia conservadora, esboçada já anteriormente á guerra e de que a eleição de Poincaré foi um dos factos symptomaticos. Os esforços de Millerand para despertar o velho espirito militar da França; o restabelecimento do serviço de tres annos, de que foram campeões victoriosos Barthou e Briand; as tentativas de approximação entre o mundo official da Republica e os velhos elementos imperialistas e realistas, que Poincaré promoveu desde o inicio da sua presidencia; o afrouxamento, pelo menos *practico*, da intolerancia laica, e outras manifestações não menos expressivas d'uma

orientação moderada da politica republicana — é que representam a corrente d'espírito com que a victória da França se identificará.

O sentimento dominante d'um patriotismo abnegado e heroico, a alma guerreira, o habito da disciplina, o principio da hierarchia, a força das velhas tradições gloriosas, a confraternidade d'armas de homens das mais oppostas opiniões, que, no pensamento commum da defeza da Patria, restauraram a unidade moral da nação, o prestigio de que, nos campos de batalha, se cobriu o clero catholico, entre o qual a França encontrou os seus mais bravos soldados e um elemento de conforto moral que mesmo os seus adversarios reconheceram — eis o que, nas linhas do Marne, quebrou o impeto arrazador da *avalanche* germanica, eis o que, n'uma resistencia a que a propria Allemanha não regateia a sua admiração, tem energicamente aguentado, na frente occidental, a pressão d'um adversario terrivel, maravilhosamente organizado e preparado para a lucta.

Nas trincheiras da Champagne ou da Lorena, não será o socialismo, nem o syndicalismo, nem o anarchismo, nem o anti-militarismo, nem o anti-patriotismo, nem a clerophobia jacobina, nem o egoismo dos interesses de classe, quer dizer, não será nada d'aquillo que constitue o espirito radical e revolucionario, que triumphará, salvando a França. Ha de ser, bem ao contrario, todo um *systema* de sentimentos e de ideias com longas e tenazes raizes no passado e que, por isso mesmo, não julgo errar classificando-os de conservadores.

Ora, é da historia que os principios que triumpham n'uma guerra são os que, terminada ella, dominam na politica do paiz victorioso. Assim, embora a victória franceza consolide a Republica, o que é presumivel e logico é que a Republica rume politicamente no sentido d'aquellas forças moraes, d'aquelles sentimentos que a levaram ao triumpho e que, só elles, lh'o podem consolidar.

Não se assustem, pois, (digamol-o de passagem) com a perspectiva d'uma França vencedora aquelles dos nossos bons

conservadores que, em tal eventualidade, veem, aterrados, a *victoria da demagogia* e, com ella, um factor d'apoio internacional a esta democracia radicalleira e anarchica, que nos leva á ruina.

Em primeiro logar, — em sua honra seja dito, — a Republica franceza é uma republica realmente radical e sectaria, — mas não é uma *demagogia*. A demagogia é uma degenerescencia viciosa da democracia: é o arbitrio violento d'uma baixa e ignara oligarchia plebeia, guiada por energúmenos e aventureiros sinistros, que, por um permanente regimen revolucionario, põe e dispõe dos governos e da sua politica, dobrando-os aos seus caprichos desorientados, tornando a lei letra-morta, supprimindo, de facto, todas as garantias, calcando todos os direitos, coagindo a justiça, violando todas as liberdades, commettendo impunemente toda a casta de attentados pessoaes, e impondo, emfim, brutalmente, o seu despotismo atrabiliario e fanatico com as armas sangrentas do terror. Ora, em França, não ha d'isto. Houve-o, ha cento e vinte annos. Agora não. A democracia portugueza anda atrazada nas modas de Pariz. O radicalismo francez pode ser um erro politico, e é-o, a meu ver. Mas a Republica franceza é um estado *normal e constitucional*, onde ha ordem publica, legalidade, direitos e garantias politicas e civis. Não lhe façamos a injuria (custa dizel-o!) de a comparar a este aborto democratico, que é exemplar unico entre as Republicas europeias e reproduz o typo de todas aquellas que desastrosamente falharam por ingenita incapacidade vital.

Em segundo logar, o advento, em França, d'uma Republica com tendencias moderadas, não podia ser senão nefasto, como influencia externa, ao nosso desvairado demagogismo. A victoria dos alliados, a dar-se, não seria (nem podia ser nunca) uma victoria *republicana*. Basta considerar que, ao lado da França, luctam cinco Monarchias, tres das quaes são dos mais poderosos estados europeus, e que não é natural que, triumphantes, se transformem em republicas, como homenagem aos principios da alliada. . . Os perigos e o impertinente incom-

modo da demagogia portugueza tornam-n'a, para certas nações da Europa, um problema á parte, a cuja solução se não opporá, por uma questão de formulas, qualquer paiz que, com aquellas nações, se tenha solidarizado nos interesses superiores da ordem e do futuro systema da politica europeia.

Tambem não falta quem se arreceie do successo das armas alliadas, por egualmente suppor que elle seja a consagração do radicalismo (que alguns tambem classificam de *demagogico!* . . .) do ministerio liberal inglez. Ora o actual governo da Gran-Bretanha perdeu toda a côr politica com o ingresso que n'elle tiveram os principaes vultos do unionismo, como Balfour, Bonar Law, lord Lansdowne, Chamberlain, lord Curzon, lord Selborne, Walter Long. E o longo consulado liberal, já gasto pelo esforço de arcar com enormes difficuldades e de resolver gravissimas questões, pode dizer-se que findou os seus dias com essa concentração partidaria, sem precedentes na historia da Inglaterra, e que não foi mais do que o inicio d'uma d'aquellas *rotações* de partidos, que foram o methodo classico da politica ingleza e o são ainda, apesar das alterações e da fragmentação que o tempo introduziu no antigo dualismo de *whigs* e *tories*. Tudo leva a crêr que, finda a guerra, o governo fique na mão dos conservadores, que já n'elle tem consideravel representação.

III

Se isto é assim, na hypothese do vencimento dos alliados, com mais razão o deve ser na da victoria germanica. Essa victoria seria a da formula que, na Europa, á excepção da Inglaterra (a qual resolveu o problema n'outras bases) mais solidamente combinou a politica nacionalista com a politica social. Triunphante a Allemanha, esta guerra seria, para ella, a confirmação do seu systema politico, que, depois de lhe ter proporcionado e garantido a sua assombrosa expansão economica e a sua formidavel organização militar, a tornava, por meio d'essas armas irresistiveis, a vencedora e dominadora do mundo.

O espirito militar, o federalismo imperial, o poder cesarista combinado com a democracia social, o socialismo do Estado, a unidade economica solidamente mantida pelo *zollverein* — todos os factores da grandeza do Imperio ficariam, por largo tempo, consagrados como principios inabalaveis da sua politica.

De maneira que, em qualquer das hypotheses, o que parece provavel é que a physionomia da Europa futura seja antes conservadora do que radical.

Bem sei que outros aspectos da questão podem, a este respeito, suscitar duvidas e objecções, que não é licito pôr de parte sem exame.

Assentei, ha pouco, em que, liquidada esta guerra, logo recommearia, em todos os paizes que n'ella entraram, uma nova preparação militar, n'uns para segurarem e defenderem os fructos da sua victoria, n'outros para se precaverem contra a renovação d'ataques por parte do vencedor ou para um reservado intuito de desforço futuro.

Mas — pôde perguntar-se-me — as consequencias economicas d'esta guerra em que situação financeira deixarão os paizes vencidos — e até mesmo os vencedores? Toda esta incalculavel aniquilação de riquezas sem igual em toda a historia, cidades destruidas, regiões inteiras taladas pelas invasões, esquadras afundadas, material de guerra inutilizado, industrias arruinadas, vidas perdidas, biliões e biliões dissipados n'esta orgia sangrenta e vandalica — tudo isto não influirá nas condições politicas e sociaes da Europa futura? Que esmagadores encargos não pesarão nos orçamentos dos estados, com o fabuloso accrescimo das dividas publicas? Que crises economicas não surgirão como consequencia d'esta catastrophe? A escassez dos braços, resultante da monstruosa hecatombe, não complicará o problema da restauração do trabalho e da riqueza? O que serão, n'esta Europa arrasada, os futuros valores economicos, — a moeda, o juro, o salario, o credito, o preço das subsistencias? Nas nações vencidas e mais sujeitas, portanto, ás consequencias da crise, as massas operarias, o proletariado faminto não provocarão grêves, revoltas, communas, as agitações sociaes

que se seguem sempre aos grandes cataclysmos politicos? A revolução, que não explodiu antes da guerra, para a impedir, não reventará depois d'ella, como um effeito da derrota?

Sim, tudo isto é para ponderar. Não é realmente uma hypothese inverosimil que, nos paizes vencidos, se deem perturbações sociaes como em 1871, em França, como na Russia, depois da guerra da Mandchuria. Mas, mesmo em tal caso, a ordem ha de acabar por se restabelecer, porque ella é uma necessidade organica das sociedades civilizadas e porque mais especialmente a imporá o instincto de conservação sob a ameaça do perigo externo, tornado maior pela recente victoria dos adversarios. E essa ordem ha de restaurar-se com aquelles principios que melhor a garantem e que constituem a sua propria essencia: a disciplina social, o imperio da lei e da justiça, mantidos pela força da auctoridade.

De resto, a historia contemporanea não nos dá, na Europa, o exemplo de longas desordens. A Communa, em Pariz, foi rapidamente afogada n'um mar de sangue; a revolução russa reprimida com decisiva energia. A simples applicação das leis militares, com a mobilisação dos *cheminots*, fez abortar, em França, o grande movimento syndicalista de 1911.

É preciso, porém, que definamos o que são, em nosso entender, este espirito, estes principios conservadores, para que, de tão vaga expressão, não dimanem perigosos equivocos doutrinarios.

Não, esses principios, que chamo conservadores, não são uma *reacção*, um *retrocesso*, no velho sentido politico d'estas palavras. São, ao contrario, uma formula de progresso dentro da ordem, um desenvolvimento evolutivo da sociedade em que o futuro se liga ao passado em vez de o negar, em que as raizes da tradição não são inscientemente cortadas, em que as novas necessidades politicas e sociaes se satisfazem, sem abalo, por processos legislativos regulares, e em que as consequentes reformas se ajustam á indole nacional e ás instituições seculares, que são a espontanea criação historica do genio da raça.

Não pense o liberalismo classico, irreductivelmente indi-

vidualista, que os estados contemporaneos podem pôr de parte os problemas supremos da justiça social, do equilibrio juridico das classes, do regimen do trabalho, da partilha das riquezas — tudo o que genericamente chamamos a *questão social*.

O espirito conservador, sob pena de subscrever a sua propria sentença de morte, não pode recuar ante essa irrecusavel realidade politica que encontra no seu caminho. O que tem é de dar-lhe a *sua* solução e de provar, o que lhe será facil, que ella é superior á solução revolucionaria, nos seus meios, nos seus resultados practicos e nas suas consequencias geraes.

O que é preciso é que a politica social não represente um enfraquecimento da politica nacional. O que é preciso é que o desenvolvimento e a saude de certos órgãos se não faça á custa da robustez do corpo de que elles são parte. O que é preciso é que *classe* e *patria* não representem uma antinomia, uma insanavel e irreductivel opposição.

IV

Se esta é a directriz provavel das correntes politicas que devem dominar na Europa, acabada a guerra, é licito perguntar se nós, portuguezes, por nossa parte, poderemos subtrahir-nos ao impulso d'essas correntes e eximir-nos á influencia do novo ambiente que ellas crearão.

Podereíms continuar a ser um anachronismo, uma anormalidade, um caso de teratologia politica, n'uma Europa reconstituída em moldes diametralmente oppostos ao despotismo jacobino, á violencia sectaria, á instabilidade anarchica, a esta especie de choreia demagogica em que, sob o falso pretexto de liberdade, desordenadamente nos agitamos. n'uma ronda macabra que nos leva para o abysmo?

É rasoavel pensar que seja possível mantermo-nos em estado de excepção permanente ao regimen normal, ás tendencias geraes da politica europeia?

Não ha duas respostas a estas singelas perguntas. O simples bom senso nos indica o caminho da verdade. A civilização

tende, na infinita variedade das idiosyncrasias de raça e de nação, para uma unidade, para um typo commum de instituições, de vida politica e social, de que só por momentanea aberração nos podemos afastar.

Temos de ir, necessariamente, na esteira dos paizes que exercem a hegemonia civilisadora. Podemos ignorar os tramites historicos d'essa evolução, a que seremos forçados pela marcha da politica geral. Mas ella é uma fatalidade inexoravel.

Comprehendo muito bem (e já atraz o deixei entrever) que uma politica d'ordem, que o proprio espirito conservador sejam compatíveis com um regimen republicano. Abstractamente, admitto-o sem reluctancia. Mas, no caso concreto da Republica portugueza, contesto-o da maneira mais terminante. Esta Republica não tem outro modo de ser possível senão aquelle que, desde ha cinco annos, affectou. É isto, e só isto, — e não pode ser outra coisa. Uma *republica conservadora* é um absurdo n'um paiz em que não ha republicanos conservadores, onde, salvas raras excepções, republicano e jacobino são synonymos, onde os verdadeiros elementos conservadores se mantem irreductivelmente afastados d'um regimen que lhes é desaffectedo, que os fere nos seus mais legitimos interesses, que os affronta, os vexa, os persegue e os põe quasi fora da lei. Já se quiz fazer a experiencia sob a egide do exercito. Viu-se o resultado: foi o famoso 14 de maio, em que a demagogia reconquistou violentamente o predominio na politica da Republica.

A restauração da ordem no paiz e a conversão ás normas geraes da politica europeia no periodo subsequente á terminação da guerra, hão-de buscar, portanto, aquellas formas, vassar-se n'aquellas instituições que mais adequadas lhes sejam e que melhor lhes garantam a realisação e a consolidação immediata. Não é difficil descobrir quaes sejam. Se não podermos fazer a paz politica dentro da Republica — e não podemos — teremos fatalmente, na phrase de Marcel Sembat, de *fazer um Rei*.

Como? em que condições? por que meios? Eis o ponto

gravissimo, melindrosissimo, verdadeira e litteralmente tremendo, d'esse angustioso problema. Porque, ou o paiz mostrar força para resolver, para dirigir, elle proprio, os seus destinos, pela sua soberana vontade, pela sua energia civica, ou esses destinos ficarão á mercê de extranhos que os encaminharão no melhor sentido dos seus interesses. E a resolução por essa via pode levar ás mais variadas hypotheses, tôdas ellas más e perigosas, sem excluir essa já n'um ensaio anterior formulada e estudada e que só podemos encarar com terror e opprobrio:— a da perda parcial ou integral da independencia da Patria!

31 de Outubro de 1915.



H. G.
18918-3